

TERRITORIALIDADES E VÍNCULOS DO ACS PARA A EFETIVAÇÃO DO CUIDADO: A PRÁXIS PRODUZ O ELO ENTRE A COMUNIDADE E A UNIDADE DE SAÚDE?

Marcio Costa de Souza, Joice Oliveira Machado, Vitória Karoline Gonçalves Silva, Andreza Araújo da Silva Lima, Kalliny Mirella Gonçalves Barbosa, Mariana de Oliveira Araujo, Juliana Alves Leite Leal

RESUMO

Este artigo objetivou conhecer as percepções de profissionais das equipes multiprofissionais da Atenção Primária à Saúde de um município do interior baiano a respeito do papel do Agente Comunitário de Saúde (ACS) para a resolutividade do cuidado. Trata-se de um estudo qualitativo e exploratório. Os participantes foram trabalhadores da Equipe de Saúde da Família e da e-Multi que atuavam há no mínimo seis meses nos equipamentos municipais. A amostra de 18 pessoas foi definida pela técnica de saturação. Utilizou-se a entrevista semiestruturada para a coleta das informações. Os dados foram interpretados através da análise temática de conteúdo. Os resultados apontam que os ACS são reconhecidos como importantes para a resolutividade do cuidado, destacando-se sua inserção no território e a criação de vínculos como elementos facilitadores para identificar demandas e necessidades da população. Espera-se que os achados apresentados fomentem investigações que visibilizem a potencialidade do ACS no agir em saúde.

Palavras-chave: Agentes Comunitários de Saúde; Atenção Primária à Saúde; Sistema Único de Saúde; Cuidado Centrado no Paciente; Processo de Trabalho em Saúde.

ABSTRACT

This article aimed to understand the perceptions of professionals from multidisciplinary teams in Primary Health Care in a countryside municipality of Bahia regarding the role of the Community Health Agent (CHA) in care effectiveness. It is a qualitative and exploratory study. Participants were Family Health Strategy and e-Multi team workers with at least six months of experience in local health services. The sample of 18 participants was defined using the saturation technique. Data were collected through semi-structured interviews and analyzed using thematic content analysis. Results indicate that CHAs are recognized as key contributors to care resolution, with their presence in the community and the bonds they build considered essential for identifying population demands and needs. The findings suggest that these professionals play a strategic role in health promotion. It is hoped that this study will encourage further research to highlight the CHA's potential in advancing comprehensive and effective health practices.

Keywords: Community Health Workers; Primary Health Care; Unified Health System; Patient-Centered Care; Healthcare Work Process.

Revista da Rede APS 2025

Publicada em: 15/12/2025

DOI: 10.14295/aps.v7i1.374

Marcio Costa de Souza
(Universidade Estadual de Feira de Santana)

Joice Oliveira Machado
(Universidade Estadual de Feira de Santana)

Vitória Karoline Gonçalves Silva
(Universidade do Estado da Bahia)

Andreza Araújo da Silva Lima
(Secretaria de Saúde do Estado da Bahia)

Kalliny Mirella Gonçalves Barbosa
(Universidade Estadual de Feira de Santana)

Mariana de Oliveira Araujo
(Universidade Estadual de Feira de Santana)

Juliana Alves Leite Leal
(Universidade Estadual de Feira de Santana)

Correspondência para:
Marcio Costa de Souza
(mcsouzafisio@gmail.com)

INTRODUÇÃO

A Atenção Primária em Saúde (APS) é a porta de entrada preferencial do usuário na Rede de Atenção à Saúde (RAS). A APS corresponde ao nível de cuidado cujo as atividades estão centradas no usuário, tanto no âmbito individual quanto coletivo. O foco está nas necessidades e demandas da população adscrita por meio de ações de promoção, prevenção, proteção, diagnóstico, tratamento, reabilitação em saúde realizadas por uma equipe multiprofissional (Brasil, 2017).

Dentre os membros que compõem a equipe multiprofissional na APS, tem-se o Agente Comunitário de Saúde (ACS), inserido no Sistema Único de Saúde (SUS) no início dos anos 90 com o propósito de aprimorar a atenção às condições de saúde das comunidades (Brito et al., 2024).

Conforme a Política Nacional de Atenção Básica (PNAB) este profissional de responsabilidade política, social e de saúde representa uma mudança no modelo de produção de cuidado na APS, pois contribui para o fortalecimento da atenção integral à saúde, com vistas à mediações entre famílias, territórios e profissionais (Brasil, 2017; Souza; Oliveira, 2019; Oliveira et al., 2022).

Os ACS viabilizam o acesso dos usuários aos serviços de saúde e se configuram como um importante dispositivo para a construção e consolidação do vínculo entre a população e as equipes, sendo uma peça-chave para o direcionamento e a transformação das práticas cotidianas em saúde, bem como para o alcance da resolutividade do cuidado (Brasil, 2017; Seixas et al., 2019).

Destaca-se que o princípio da resolutividade em saúde diz respeito à resposta satisfatória ofertada pelo serviço frente às demandas e necessidades do usuário. Para além da cura da doença, engloba a redução do sofrimento, promoção e manutenção da saúde e, por conseguinte, uma melhor qualidade de vida

(Souza et al., 2021). É nessa perspectiva que o ACS transita entre os equipamentos da rede de forma a dialogar com os profissionais e favorecer a consolidação dos vínculos, bem como o manejo coletivo do cuidado e do fortalecimento da interprofissionalidade (Lima et al., 2021).

Importante destacar que, o trabalho interprofissional favorece a atuação conjunta e compartilhada de trabalhadores através da produção comum do cuidado com variadas tecnologias, habilidades e saberes em prol da atenção ao usuário (Daminello, 2022; Souza et al., 2024). Logo, é uma estratégia potente pois fortalece uma dinâmica integrada e comunicativa (Oliveira; Guizardi; Dutra; 2020; Souza et al., 2025).

Em consonância a isso, o território é o espaço no qual se efetuam as trocas materiais e imateriais, sendo fundamental para apreender a complexidade do processo saúde-doença. Atuar sob a lógica da territorialidade permite compreender a comunidade enquanto um lugar vivo e afetivo que propicia o estabelecimento de identidade e vínculos entre as pessoas (Gondim; Monken, 2017).

Diante do exposto, objetiva-se por meio deste estudo, analisar as percepções de membros da equipe multiprofissional (e-multi) e da equipe de saúde da família (eSF) alocados em equipamentos da APS de um município baiano a respeito do papel do ACS para a efetivação da prática do cuidado. Este estudo se torna cientificamente e socialmente relevante à medida que se propõe discutir sobre a produção do cuidado no âmbito do SUS, ao se enveredar para a atuação do ACS e os reflexos disso para a construção das ações e resolução das demandas e necessidades de saúde dos usuários.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, exploratória e de campo com investigação pautada no materialismo histórico-estrutural-dialético, cuja finalidade é compreender a realidade concreta do serviço de saúde em análise, no que se refere à atuação

interprofissional e sua relação com o cuidado em saúde e com o processo de trabalho na APS.

O campo de estudo foi um município de pequeno porte I (até 20 mil habitantes), localizado na região de saúde Centro-Leste do estado da Bahia. Participaram da pesquisa 18 trabalhadores da eSF e da E-multi cujas profissões foram: enfermeiros (3), dentistas (2), nutricionistas (2), psicóloga (1), ACS (4), técnica de saúde bucal (1), fisioterapeutas (2) e assistente social (1).

Esta amostra foi definida por meio da técnica de saturação descrita por Fontanella, Ricas e Turato (2008), que define a quantidade de entrevistas quando nenhuma nova informação é registrada.

Como critério de inclusão, definiu-se que estas pessoas deveriam estar atuando no cargo e em suas respectivas equipes há, no mínimo, seis meses. Cabe destacar que os participantes da pesquisa foram convidados presencialmente, no local de atuação. A coleta das informações aconteceu entre setembro e novembro de 2023.

Os dados foram produzidos *in loco*, em ambiente silencioso e preservado, por meio de entrevistas semi estruturadas guiadas por um roteiro e gravadas após autorização por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Para favorecer o anonimato, os participantes foram identificados com a letra E (referente a entrevista) seguido do número representativo da ordem dos entrevistados, exemplo: E1 (entrevistado 1), E2 (entrevistado 2), etc.

Para análise dos dados, guiou-se pela Análise Temática de Conteúdo, em que foi feita a organização do material com a transcrição literal das entrevistas, seguido da leitura flutuante e exaustiva aproximação do material produzido. Por conseguinte, realizou-se a classificação dos dados, em que buscou-se identificar no discurso dos participantes falas que se referissem a atuação e importância do ACS para a efetivação da prática do cuidado na APS (Dias; Mishima, 2023).

Por fim, houve o tratamento dos resultados e a interpretação destes, através do cruzamento entre as informações coletadas e articulação com o referencial teórico da pesquisa.

Cabe destacar que o estudo se pautou nas resoluções do CONEP 466/12, 510/16 e 580/18, e obteve parecer favorável do Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos (CEP) da Universidade do Estado da Bahia, por meio do parecer consubstanciado CAAE 72938923.7.0000.0057.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Através do discurso dos entrevistados, foi possível analisar a compreensão destes a respeito da importância do ACS para o alcance da resolutividade do cuidado. Observou-se a referência ao vínculo com a comunidade e a inserção no território como os principais meios para o estabelecimento do diálogo e do acolhimento ao usuário.

Sabe-se que toda atividade humana é um ato produtivo, que modifica alguma coisa e que produz algo novo (Merhy; Franco, 2002). Nesse sentido, o ato de cuidar precisa estar direcionado para o contexto de existência do sujeito e considerar as suas histórias, anseios e singularidades (Lemke; Silva, 2010).

Salienta-se que a produção do cuidado acontece concomitante à produção de afetos, sendo estes espaços de intersubjetividade que aumentam ou diminuem a potência de agir de um corpo (Leal, 2022; Silva et al., 2023). O olhar amplo contribui para a leitura integral do território e oportuniza o entendimento acerca das reais necessidades da comunidade. Isto abarca tanto as demandas espontâneas, quanto aquelas que são constituídas historicamente e estão enraizadas nos condicionantes e determinantes sociais de saúde (Lemke; Silva, 2010).

Nessa direção, os ACS transformam e potencializam a relação entre a população e a unidade de saúde. Além dos encontros produzidos em visitas domiciliares (VD), estes profissionais oportunizam e reforçam relações de confiança (Losco; Gemma, 2019).

Conforme Mendonça et al. (2022), a inserção territorial inerente ao perfil do ACS é fundamental para que haja a continuidade do

cuidado nos serviços de saúde, pois territorializar é ato de estar-fazer-fixar no território (Gondim; Monker, 2017). Esta dinâmica contribui para a construção de uma ponte que interliga a equipe e a população, e promove promover acesso, integralidade e resolutividade do cuidado.

Tal fato possibilita a aproximação da comunidade com as práticas e ações de saúde, através da utilização da tecnologia leve do cuidado como a principal ferramenta de trabalho (Oliveira et al., 2022)

Os discursos dos entrevistados E1, E3 e E6 descritos abaixo enfatizam a forma como estes agentes dão voz às necessidades do território, como também contribuem para o planejamento das condutas a serem adotadas pela equipe de saúde:

[...] principalmente os agentes comunitários. Eles são os principais. Eles trazem muita demanda para o pessoal (E1).

O agente comunitário de saúde passa pra gente todas as demandas que necessita no caso da área de cada um (E3).

[...] os agentes comunitários de saúde a gente ouve a demanda que eles trazem, eles sinalizam pra gente, aí a gente, aí a partir daí a gente traça se é uma visita domiciliar por conta da mobilidade, se é um atendimento específico, se é um atendimento em grupo e a gente vai trazendo pra esse usuário o que é que a gente pode tá fazendo (E6).

Pode-se notar a referência dos profissionais à figura do ACS como alguém pertencente à unidade de saúde e ao território, que é, portanto, um comunicador e interventor das demandas. O entrevistado E6 ainda acrescenta a importância do relato destes agentes para a organização e mapeamento das ações individuais e coletivas, além das tomadas de decisão.

Ademais, os ACS precisam utilizar recursos que favoreçam a compreensão do processo saúde-doença na comunidade, tais como: participação na construção do Projeto Terapêutico Singular (PTS), busca ativa dos usuários, grupos de educação em saúde e a participação durante apoio matricial e as VD (Brasil, 2023).

No que concerne às VD, estas se configuram como ações programadas e regulares que visam

a prestação de cuidados e orientações às famílias (Silva et al., 2020). É na VD que o ACS realiza e identifica ações que deverão ser voltadas à cada membro da família (Lima et al., 2021).

O profissional E12 relata a importância da VD para o planejamento das intervenções:

A gente faz reunião e cada agente de saúde fala pra ela que fez aquela visita no domicílio, encontrou o paciente que estava necessitando fazer fisioterapia. E aí a gente leva ela até o domicílio, ela faz a visita. E depois ela começa a fazer fisioterapia (E12).

Através do relato acima, percebe-se que, em geral, as atividades realizadas pelos demais profissionais da equipe requerem a presença do ACS. Isso acontece pois os Agentes de Saúde possuem escopo para identificar potenciais fatores de sofrimento e são os maiores conhecedores das problemáticas que atingem a comunidade (Fonseca et al., 2021; Santos; Soares, 2022).

Além do uso das VD, a identificação das necessidades do território também pode ser viabilizada pela busca ativa. Apesar deste recurso ser uma incumbência de todos os membros das equipes, percebeu-se a forte associação do termo “busca ativa” à figura do ACS:

Os ACS, eu passo os nomes para eles, uma relação, eles fazem essa busca ativa e os pacientes estão vindo (E9).

Eu pedi pro ACS fazer a busca ativa desse paciente pra vim pra unidade pra gente iniciar o tratamento (E5).

Se caso eu sou ACS, e aí eu preciso de falar com a enfermeira. Eu vou na comunidade, faço a busca ativa e trago pra ela (E16).

A partir destas falas, tem-se que o ACS transita fluidamente entre a comunidade e a unidade de saúde. Esta característica viabiliza a avaliação do sofrimento do usuário e de seus familiares, assim como suas condições de vida (Pereira et al., 2013).

Nessa perspectiva, segundo Lemke e Silva (2010) a busca ativa pode ser compreendida como um movimento de cartografar as necessidades de saúde para além dos agravos de notificação compulsória do território.

Nessa perspectiva, através dos ACS é possível aumentar a resolutividade da prática do cuidado em saúde, ao fortalecer a ligação entre a comunidade e o serviço da APS. Isso acontece pois a atuação é atravessada pela conquista da confiança dos usuários, e contribui para a influência sobre os membros de sua comunidade, o que reflete na adesão do público às ações da unidade de saúde (Martins; Pontes, 2023; Brito et al., 2024).

Neste estudo, o vínculo atrelado à inserção no território foram elencados como diferenciais para o alcance da resolutividade. Estas características de trabalho convergem diretamente com o que foi posto pelo filósofo Benedictus de Espinoza (2013), o qual discute sobre a capacidade do ser humano de afetar e de ser afetado de forma positiva ou negativa através do encontro.

Afetações positivas entre os ACS, a comunidade e o serviço de saúde se apresentam como um caminho que conduz para a produção integral, qualificada e resolutiva do cuidado.

CONCLUSÃO

A atuação do ACS é um fator transformador do agir em saúde, uma vez que promove encontros, media e facilita diálogos, além de ser uma via de acesso da comunidade para a unidade de saúde. Este estudo evidenciou o cuidado territorializado como elemento decisivo para a efetivação das práticas cotidianas em saúde, sendo o vínculo uma parte estratégica e motriz para a resolutividade.

Através da percepção dos profissionais entrevistados, evidenciou-se que o papel do ACS potencializa as intervenções na APS e auxilia no planejamento da equipe devido ao reconhecimento territorial, à busca ativa e o contato com as famílias. Espera-se que os resultados obtidos nesta pesquisa fomentem novas investigações que deem visibilidade à potencialidade do ACS para o fortalecimento do agir em saúde.

Como limitação, destaca-se que este estudo aborda as percepções de trabalhadores de um único município, o que restringe a generalização dos achados. Nesse sentido, torna-se relevante investigar outros contextos, considerando as especificidades locais na produção do cuidado na Atenção Primária à Saúde (APS), a atuação do Agente Comunitário de Saúde (ACS) e as percepções das equipes sobre o trabalho interprofissional.

REFERÊNCIAS

1. BRASIL. Ministério da Saúde. Organização da Atenção à Saúde e Intersetorialidade no Brasil [recurso eletrônico] / Ministério da Saúde, Conselho Nacional de Secretarias Municipais de Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. – Brasília : Ministério da Saúde, 2023.
2. BRITO, M. J. A. et al. Trabalho do agente comunitário de saúde na Implementação do SUS: fragilidades e desafios - revisão crítica. CUADERNOS DE EDUCACIÓN Y DESARROLLO, v.16, n.1,p. 2161–2178, 2024. <https://doi.org/10.55905/cuadv16n1-112>.
3. DAMINELLO, M. Práticas colaborativas interprofissionais: potências e desafios em uma unidade básica de saúde tradicional. Dissertação (Mestrado Profissional em Formação Interdisciplinar em Saúde) - Faculdade de Odontologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.
4. DIAS, E. G.; MISHIMA, S. M. Análise temática de dados qualitativos: uma proposta prática para efetivação. Revista Sustinere, v.11, n.1, p. 402-411, 2023. <https://doi.org/10.12957/sustinere.2023.71828>.
5. FONSECA, A. F.; MOROSINI, M. V. C. O caráter estratégico do agente comunitário de saúde na APS integral. APS em revista, [S. l.], v. 3, n. 3, p. 210–223., 2021. <https://doi.org/10.14295/aps.v3i3.218>.
6. FONTANELLA, B.J.B.; RICAS, J; TURATO, E.R. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. Caderno de Saúde Pública, v.24, n.1, p. 17-27, 2008. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2008000100003>
7. GONDIM, G. M. M., MONKEN, M. Território e territorialização. In: GONDIM, G. M. M.; CHRISTÓFARO, M. A. C.; MIYASHIRO, G. M. (Org.). Técnico de vigilância em saúde: contexto e identidade. Rio de Janeiro: EPSJV, 2017. p. 21-44.
8. LEMKE, R.A.; SILVA, R.A.N. A busca ativa como princípio político das práticas de cuidado no território. Revista de Estudos e Pesquisas em Psicologia - UERJ, Rio de Janeiro, v. 10, n.1, p. 281-295, 2010. <https://doi.org/10.12957/epp.2010.9036>.
9. LIMA, C. M. et al. O Agente comunitário de saúde na promoção da saúde do homem: possibilidades e desafios. Revista Ibero-Americana De Humanidades, Ciências E Educação, [S. l.], v. 7, n. 7, p. 1272–1283, 2021. <https://doi.org/10.51891/rease.v7i7.1777>.
10. LOSCO, L. N.; GEMMA, S. F. B. Sujeitos da saúde, agentes do território: o agente comunitário de saúde na Atenção Básica ao imigrante. Interface - Comunicação, Saúde, Educação, Botucatu-SP, v. 23, p. e180589, 2019. <https://doi.org/10.1590/Interface.180589>.
11. MARTINS, I. C. M.; PONTES, R. M. T. Importância do trabalho dos agentes comunitários de saúde na análise do perfil socioeconômico em relação às doenças infecciosas do município de Itaperuna/RJ. Revista Interdisciplinar do Pensamento Científico, [S. l.] v. 9, n. 1, 13 ago. 2023.
12. MENDONÇA, V. R. et al. Os desafios na atenção primária na perspectiva dos ACS de Itaperuna. Research, Society and Development, [S. l.], v. 11, n.9, p. e33711931853, 2022. <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i9.31853>.
13. MERHY, E. E.; FRANCO, T. B. Saúde: a cartografia do trabalho vivo. São Paulo: Hucitec, 2002.
14. OLIVEIRA, A. T. P.; GUIZARDI, F. L.; DUTRA, E. B. Desafios da colaboração no trabalho interprofissional em saúde. In: GUIZARDI, F. L.; DUTRA, E. B.; PASSOS, M. F. D. (Org.). Em mar aberto: colaboração e mediações tecnológicas na educação permanente em saúde. 1. ed. Porto Alegre: Rede Unida, 2020. p. 13-34.
15. OLIVEIRA, F.F. et al. Importância do agente comunitário de saúde nas ações da estratégia saúde da família: revisão integrativa. Revista Baiana de Saúde Pública, [S. l.], v. 46, n. 3., p. 291-313. 2022. <https://doi.org/10.1590/S0103-21002013000500002>.
16. PEREIRA, M. O. et al. Busca ativa para conhecer o motivo da evasão de usuários em serviço de saúde mental. Acta Paulista De Enfermagem, v.26, n.5, 2013.
17. SANTOS, A.S.; SOARES, F.M. O papel do agente comunitário de saúde no apoio matricial. Revista Científica da Escola de Saúde Pública do Ceará Paulo Marcelo Rodrigues, Fortaleza-CE, Brasil, v. 16, n. 1, p. 107–115, 2022. <https://doi.org/10.54620/cadesp.v16i1.613>.
18. SEIXAS, C. T. et al. O vínculo como potência para a produção do cuidado em Saúde: o que usuários-guia nos ensinam. Interface - Comunicação, Saúde, Educação, Botucatu-SP, v. 23, p. e170627, 2019. <https://doi.org/10.1590/Interface.170627>.
19. SILVA, A. B. F. B. da et al. O cuidar, o olhar subjetivo e a interprofissionalidade: perceptos e trilhas nos processos formativos de residentes em saúde. Cenas Educacionais, [S. l.], v. 6, p. e18324, 2023.

20. SILVA, T. L. et al. Política Nacional de Atenção Básica 2017: implicações no trabalho do Agente Comunitário de Saúde. *Saúde Em Debate*, Rio de Janeiro, v. 44, n. 124, p. 58–69, jan. 2020. <https://doi.org/10.1590/0103-1104202012404>.
21. SOUZA, M.C. de et al. Barreiras enfrentadas no processo formativo de uma residência multiprofissional em saúde: um estudo na perspectiva da interprofissionalidade. *Cenas Educacionais*, [S. l.], v. 8, p. e19170, 2025. <https://doi.org/10.5281/zenodo.14849494>.
22. SOUZA, M.C. de et al. Prática interprofissional e trabalho colaborativo em uma residência multiprofissional: da dificuldade a efetivação dessas ferramentas. *Revista Interfaces: Saúde, Humanas e Tecnologia*, [S. l.], v. 12, n. 1, p. 4061–4069, 2024. <https://doi.org/10.16891/2317-434X.v12.e1.a2024.pp4061-4069>.
23. SOUZA, M.C. de et al. Resolutividade e ferramentas para cuidar: um estudo com mulheres que vivem com câncer de mama. *Sanare (Sobral, Online)*, [S. l.], v. 20, n. 2, 2021. <https://doi.org/10.36925/sanare.v20i2.1571>.
24. SOUZA, T.P.; OLIVEIRA, P.A.B. Quem somos nós? A identidade não tão secreta dos agentes comunitários de saúde. *Revista Espaço para a Saúde*, [S. l.], v. 20, n. 1, p. 19–28, 2019. <https://doi.org/10.22421/15177130-2019v20n1p19>.
25. SPINOZA, B. *Ética*; [tradução de Tomaz Tadeu]. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.